

RESENHA

WILLIS, Paul. *Aprendendo a ser trabalhador: escola, resistência e reprodução*. Porto Alegre: Artes Médicas, 1991.

Denise Madeira de Castro e Silva¹

Esta obra de Paul Willis pode ser considerada como uma ruptura na tradição das chamadas *teorias da reprodução*. O ponto de partida das teorias da reprodução social ou cultural está situado na sujeição da escola às determinações da economia e/ou dos grupos dominantes. No enfoque das teorias da reprodução, a escola seleciona e interioriza valores que colaboram para o processo de produção capitalista. O aluno é considerado passivo e a escola ativa.

O autor de *Aprendendo a ser Trabalhador* “inaugura” o que é chamado de *teoria da resistência*. O aluno é entendido como sujeito que tem um posicionamento próprio frente ao processo educativo. Nesta ótica, o fracasso escolar e a indisciplina são compreendidos como uma reação à escola. Suas ações são analisadas dentro do cotidiano escolar.

Este livro está dividido em duas partes. A primeira refere-se à etnografia realizada nos anos de 1972 a 1975, tendo, como estudo principal, um grupo de doze alunos do sexo masculino de classe operária, do currículo secundário não-acadêmico da escola Hammertown Boys (nome fictício), situada na Inglaterra.

Também foram realizados estudos comparativos com outros grupos de estudantes: *conformistas* da mesma sala de aula do grupo principal; *conformistas* de classe operária de uma escola vizinha; *não-conformistas* de uma escola tradicional (*grammar*); *não-conformistas* de uma escola unificada (*comprehensive*) e estudantes *não-conformistas* provenientes de várias classes sociais de uma escola tradicional (*grammar*).

O grupo principal, bem como três rapazes dos grupos comparativos, foram acompanhados, também, quando ingresso no trabalho.

¹ Professora da FURG. Mestranda em Educação na UFPel.

O livro procura mostrar como o grupo de adolescentes não-conformistas rejeita os valores escolares e o trabalho intelectual, encaminhando-se para o trabalho manual, importando-se apenas com o dinheiro ganho através dele.

Na primeira parte, o fio condutor é a questão da cultura contra-escolar, sendo sua dimensão básica a “*oposição cerrada, nos planos pessoal e geral, à autoridade*”.(p.23). A maneira de se vestir, o fumar, o beber, gazar a aula e as “risadas” oportunamente lançadas quando o professor comete um pequeno erro, são exemplos concretos de cultura contra-escolar. A oposição é “*assinalada por uma retirada em direção ao informal e se expressa, sob suas formas características, precisamente para além do alcance da ‘norma’*”.(p.37).

A cultura contra-escolar se dá no grupo, pois sozinho é “*impossível formar-se uma cultura distintiva*” (p.38). Formam uma identidade cultural de oposição à escola. Esses grupos são informais, possuindo suas regras internas, ainda que nada convencionais. Há uma inversão das regras tradicionais da escola.

Nesses grupos, a violência aparece como resposta ao tédio e expressão de masculinidade, sendo “*uma forma cega ou distorcida de revolta, rompendo com a tirania convencional da regra*.” (p.50) . A masculinidade é provada através de atos de violência ou de machismo.

A cultura contra-escolar possui pontos de intersecção com a cultura operária – a cultura do chão de fábrica. Suas credenciais são: “*habilidade*”, “*destreza*” e “*confiança*”. A “*masculinidade e a dureza da cultura contra-escolar refletem um dos temas localizadores centrais da cultura do chão de fábrica – uma forma de chauvinismo masculino*” (p.74) .

A escola e a fábrica possuem similaridade. Os operários fazem um esforço para controlar o processo de trabalho de maneira informal. Aparecem aí o ‘fazer cera’ ou ‘fazer corpo mole’. Na escola, nos grupos informais, os alunos também buscam o “controle das aulas”: aparecem o “gazar”, o “matar a aula”. Buscam solapar a autoridade do chefe e/ou do professor.

Na visão operária, e na dos “rapazes” - os não-conformistas do grupo principal -, o conhecimento só é válido quando possui uma função prática de imediato. Já no ponto de vista da classe média, a teoria é entendida como “qualificação” futura. Isto permite ao autor falar em uma

dimensão de classe para a cultura contra-escolar.

A relação entre escola, trabalho e família é explicitada. Estas instituições são permeadas por determinantes culturais, havendo uma vinculação entre a cultura do chão de fábrica e a cultura contra-escolar. Esta cultura localizada na escola, é parte de uma cultura geral operária.

O paradigma de ensino da escola é, basicamente, o tradicional. Willis discorre a respeito do processo de *diferenciação*. Os grupos de alunos começam a diferenciar-se do paradigma básico de ensino, a partir da cultura operária. Há uma reinterpretação da forma institucional, sendo sua característica principal a oposição. Já a *integração* é o processo pelo qual os grupos de alunos redefinem as oposições, tentando se recolocar no paradigma básico, alterando-o.

Pode-se perceber, ainda, a relação entre os futuros trabalhos almeçados e conquistados pelos grupos de alunos, e a divisão entre conformistas/não-conformistas. Os conformistas terão empregos mais burocráticos, funcionários de nível médio. Os não-conformistas ficarão com os trabalhos mais rudes, os trabalhos manuais; “*a escolha particular do emprego não importa muito aos ‘rapazes’*” (p.129). A afirmação masculina é reforçada por esses trabalhos.

O autor coloca a escola como produtora de “*uma certa resistência ao trabalho mental*”(p.133). Esta resistência ao trabalho mental se configura de igual forma como a resistência à autoridade na escola.

A parte I do livro é concluída com a reafirmação de que, de acordo com essa resistência, há uma escolha voluntária dos papéis que as pessoas se colocam na sociedade. Não há uma reprodução total, mas sim os alunos consentem e participam desse processo de encaminhamento ao trabalho manual.

Na parte II são analisados os elementos constitutivos apresentados na etnografia. Para aprofundar a compreensão da cultura exposta na parte anterior, o autor propõe as noções de penetração e limitação.

Penetração: “*designa impulsos no interior de uma forma cultural dirigidos à compreensão das condições de existência de seus membros e de suas posições no interior do todo social, de uma forma não centrada, não essencialista ou individualista.*” (p.151). Neste sentido, a oposição dos “rapazes” à escola pode ser entendida com a noção de penetração. A cultura contra-escolar é uma das bases da penetração e “*ajuda a libertar seus membros do peso do conformismo e da realização convencional.*”

(p.164)

Limitação: “*designa aqueles bloqueios, digressões e efeitos ideológicos que confundem e dificultam o desenvolvimento pleno e a expressão desses impulsos.*” (p.151). As limitações fazem com que o conhecimento a respeito do mundo e das relações sociais se retraia. Os jovens circulam entre a *penetração* e a *limitação*.

A divisão entre trabalho manual e trabalho intelectual é uma limitação à penetração cultural sobre o papel do trabalho na sociedade. Há uma rejeição ao trabalho intelectual, ficando os rapazes ao lado do trabalho manual. O que poderia ser uma superação do individualismo capitalista, torna-se, então, uma divisão.

Outra divisão é a de gênero. A cultura contra-escolar segue os pressupostos machistas da cultura em geral. Mais uma vez a penetração poderia superar o individualismo mas acaba por se orientar pelas divisões dos papéis sexistas da cultura.

O racismo também aparece como uma limitação, uma vez que direciona o comportamento dos grupos à uma segregação racial.

O autor ainda salienta o “currículo oculto da escola”, onde mensagens subjacentes reforçam a divisão entre trabalho manual e intelectual, bem como o sexismo. A orientação vocacional cumpre forte papel nisso. Geralmente os vídeos educativos vão no sentido de mostrar garotas fazendo bolos e homens em ocupações mais rudes. O trabalho intelectual é associado ao feminino e o trabalho manual ao masculino.

No capítulo intitulado “*A manhã de segunda-feira e o milênio*”, Paul Willis indica sugestões a curto, médio e longo prazo, de ações pedagógicas para o trabalho educativo com “*garotos ressentidos de classe operária*”. Sugere que:

“O professor pode manter um olho cético, desglamourizado, realista, sobre os processos industriais, econômicos e sobre os processos culturais de classe. Em vez de entrar num pânico moral sobre ‘o tumulto e a violência na sala de aula’ (que têm sua própria função reprodutiva com relação à ideologia conservadora), os professores podem colocar a contra-cultura escolar em seu contexto social apropriado e considerar suas implicações para seus membros no futuro de longo prazo – isto para não falar dos problemas que ela coloca para sua própria sobrevivência à frente da classe.” (p.230)

A preocupação com o dia de amanhã começa a ser superada quando nos tornamos sensíveis à dupla codificação dos significados institucionais e de classe, e o reconhecimento da natureza das formas culturais, bem como a compreensão de seus próprios processos. Isto ajuda a superar a monotonia das manhãs de segundas-feiras. Como diz o autor, “*a manhã da segunda-feira não precisa levar a uma sucessão sem-fim das mesmas manhãs de segundas-feiras.*” (p.233)

